

Direto zigue-zague

Ronaldo Brito

Há momentos no curso de uma obra em que todos os seus esforços, toda a soma heterogênea de seu passado, parecem de golpe se resolver. Fluida, tranquila, decididamente. Dentro do trabalho de Eliane Prolik, *Defórmica* representa um desses momentos em que as suas múltiplas referências, suas errâncias, aberturas e impasses, entram em acordo súbito e irreprimível. Quase por livre e espontânea vontade, como se dispensassem o arbítrio da artista. E justo para confirmarem um destino poético, a validade de seus experimentos. Rápida e certamente, *Defórmica* vai direto ao ponto, o que, no caso, significa evoluir sempre em zigue-zague.

Essas réguas sibilinas desde logo aparecem, surgem sem ter que se indagar sobre sua origem, vencem o retângulo *a priori* que inibe a presença atual da forma. Claramente, elas são da ordem da euforia e não da aporia – tudo abre e se distende nesse presente estético que de imediato mobiliza o futuro. A sua única premissa é dinamizar-se indefinidamente, fugir a todo o custo de configurações fechadas. Ao mesmo tempo, contudo, empenham-se em afirmar unidades formais abertas mas convincentes. Em cada contexto de apresentação, elas se mostrarão ligeira mas necessariamente diferentes. Ao aderir ao entorno contemporâneo, não euclidiano, *Defórmica* anuncia a feliz possibilidade de ordens instáveis e transitórias, por isso mesmo, atraentes. Colada ao plano do mundo, em franca empatia com a matéria mais comum do mundo, ela convoca um olhar qualificado e exigente, que se renova pelo exercício constante de perceber e discriminar diferenciações formais básicas, a incluir sem distinção, com a mesma intensidade, geometria e luz.

Dada sua inequívoca origem minimalista, *Defórmica* já parte de elementos discretos, nunca de figuras geométricas ideais, a atuar no espaço vivo e literal. E emprega uma topologia casual, muito distante, quase irônica em relação às utopias construtivistas e suas especulações em torno da Fita de Moebius. É flagrante: a lógica aqui é inseparável do lúdico. Assim, também a cor não é nada que se vá buscar e rebuscar numa química introspectiva de pintura – trata-se de cores extrínsecas, públicas, sinais luminosos que atingem prontamente nossa retina. Dito isso, tudo deve corresponder a

certo temperamento lírico. Operação, no final das contas, de espírito bem moderno: o que a move é a busca de singularidades. Em zigue-zague, somente em zigue-zague, posso articular e desarticular formas que venham a atualizar o axioma moderno por excelência – a perpétua flexibilidade do real.

Na verdade, todo esse zigue-zague vem do fundo e vem de longe. Ele começa no plano do inconsciente histórico, no típico entrelaçamento moderno da alta e da baixa cultura, nas marchas e contramarchas entre o pensamento autônomo da forma e o processo anônimo de reprodução industrial. Um exemplo basta: o catálogo-padrão de 28 cores que a artista utiliza. Como não notar aí o influxo da cor matissiana, em especial a das colagens do último Matisse? Em zigue-zague, ela rebate de volta agora sobre uma prática de arte contemporânea. E cumpre nesses Objetos Específicos, para evocar sem maiores compromissos a formulação minimalista ortodoxa, um papel efetivo – porque a lógica divertida que preside essas associações cromáticas trata de soltar essas réguas, liberá-las ao espaço físico, a difundir e irradiar luz até deixar a sala leve, quase sem gravidade.